

Monteiro Lobato: um ficcionista dos primórdios do Modernismo, atuante no combate às queimadas, ao extrativismo e à aristocracia rural

*Jeovani Lemes de Oliveira*¹

Resumo

O escritor Monteiro Lobato está entre aqueles autores brasileiros que, de vez em quando, merecem uma revisão. Sua produção literária ficcional adulta, considerada, por parte da crítica consagrada, como realista ou pré-modernista, apresenta traços de modernismo *avant le lettre*. Antonio Candido, ao argumentar sobre o papel da literatura como elemento de apreensão da realidade brasileira, não cita Monteiro Lobato, mas isso não significa ausência deste aspecto na produção lobatiana. Um exemplo da transcendência do texto de Lobato é o seu embate contra a prática de queimadas, o extrativismo e o bucolismo retrógrado, capitaneado pela aristocracia rural, que refletia num atraso cultural e econômico da população brasileira. Aspectos estes observados, sobretudo, nos contos. Os contos de Lobato se caracterizam por uma ironia fina e sábia (BARBOSA, 1996, p. 48). Em alguns contos, como é o caso da obra *Urupês*, Lobato ataca o caboclisto, o mito do campo que fundamenta a aristocracia rural. Lobato requerera a falência do bucolismo (BRITO, 1997, p. 137). Os contos e as crônicas de Lobato contra a prática de queimadas e o extrativismo ainda continuam atuais e necessários. A situação problematizada por Lobato encontra analogia e ressonância no Brasil atual, tanto em virtude de aspectos arraigados na cultura brasileira quanto em função de decisões e ações governamentais.

Palavras-chave: Monteiro Lobato; *Urupês*; combate às queimadas; crítica.

¹ Secretaria de Educação do estado de Mato Grosso. Mestre em Estudos Literários pela Universidade do estado de Mato Grosso.

Monteiro Lobato: a fictionist of the beginnings of Modernism, active in the fight against fires, to extractivism and to rural aristocracy

Abstract

The writer Monteiro Lobato is among those Brazilian authors who, from time to time, deserve a review. His adult fictional literary production, considered by consecrated critics as realistic or premodernist, presents traces of avant le lettre modernism. Antonio Candido, when arguing about the role of literature as an element of apprehension of the Brazilian reality, does not mention Monteiro Lobato, but this does not mean absence of this aspect in lobatian production. An example of the transcendence of Lobato's text is its clash against the practice of burning, extractivism and retrograde bucolism, led by the rural aristocracy, which reflected a cultural and economic delay of the Brazilian population. Aspects observed, above all, in the short stories. Lobato's short stories are characterized by a fine and wise irony (BARBOSA, 1996, p. 48). In some short stories, as is the case of *Urupês*, Lobato attacks caboclisto, the myth of the countryside that underlies the rural aristocracy. Lobato had filed for the failure of bucolismo (BRITO, 1997, p. 137). Lobato's tales and chronicles against the practice of burning and extractivism are still current and necessary. The situation problematized by Lobato finds analogy and resonance in Brazil today, both due to aspects rooted in Brazilian culture and due to governmental decisions and actions.

Keywords: Monteiro Lobato; *Urupês*; combating burning; critical.

1 Contexto em perigo

A prática de queimadas no Brasil existe desde a época colonial. É algo arraigado na cultura brasileira. Entretanto, o contexto atual registra dados alarmantes que têm mobilizado o mundo, no sentido deste ficar preocupado com a destruição da reserva natural do país. A situação em relação à prática extrativista e de queimadas desordenadas ficou ainda mais alarmante devido ao endosso, e até o estímulo, provocado pelo atual presidente brasileiro, Jair Bolsonaro. A situação ganha mais dramaticidade na medida em que este é hostil, e até agressivo, com entidades e órgãos de proteção ambiental. A realidade vivenciada atualmente é um contexto de queimadas desordenadas e incontroláveis que devastaram por meses, principalmente, a região norte do país.

Na região Norte, as queimadas estão intimamente ligadas ao extrativismo, outra prática antiga, não só da região, mas de todo o país, afinal, desde a *Carta do Achamento* há incentivo a ele. Essa prática de colonização predatória intensificou-se no século XX, sobretudo na região fronteira do Brasil, com o Paraguai e a Bolívia, com a política da Ditadura Militar, e já anteriormente ocorrida principalmente com a campanha do Governo Vargas, a famosa *Marcha para o oeste*, a partir do final da década de 1930. Como explica Elizabeth Siqueira (1990, p. 255), o projeto original da *Marcha para o oeste* era fixar o trabalhador nacional em solo mato-grossense. Nesse período, as terras mato-grossenses abrangiam o que hoje são os estados de Mato Grosso do Sul e Rondônia, que integravam o estado de Mato Grosso até o final da década de 1970 e o início da década seguinte, respectivamente. Além de povoar a região da fronteira e de criar *sentinelas avançadas*, motivava o projeto a expropriação de terras e o bloqueio aos avanços da *Companhia Mate Laranjeira*, que utilizava mão de obra estrangeira. Mas não demorou muito para a especulação de terras, surgindo assim

grandes latifundiários, e, com eles, os desmatamentos desordenados como parte do extrativismo irrefreável dos recursos naturais.

No início do século XX, entre 1914 e 1918, no interior de São Paulo, o escritor Monteiro Lobato insurgiu de forma incisiva contra o extrativismo e a prática de queimadas, sendo uma das primeiras figuras públicas a problematizar a questão.

2 A abordagem direta e incisiva nas crônicas *Velha praga e Urupês*

Os artigos *Velha praga* e *Urupês*, publicados em 1914, trazem uma visão crítica sobre o caboclo. E neles é que surge a triste figura, logo emblemática, do *Jeca Tatu*. Conforme nos informa Alaor Barbosa (1996, p. 63), esses artigos, Lobato escreveu para denunciar o costume da queimada das matas e dos campos do Brasil, particularmente, na região da Serra da Mantiqueira, onde se situa a fazenda que foi dele. Entretanto, como chama a atenção Sylvia Tellaroli (1996, p. 76), não se pode reduzir Jeca Tatu a um mero desabafo do fazendeiro insatisfeito com o encaminhamento de seus negócios. De fato, a visão crítica de Lobato, com essa personagem, vai além da mera insatisfação. Como explica Mario da Silva Brito, o escritor ataca com a personagem a aristocracia rural e o bucolismo, dos quais é fruto, que emana destes, e, assim, com a personagem, o escritor visa à derrocada de um mito rural, dotado até aquele momento de forte poder político:

O Estado, fundamentado na aristocracia rural, buscava sobreviver através do mito do campo. A denúncia de *Urupês*, por intermédio do opilado Jeca Tatu, comprometia, no entanto, toda a concepção ideal da vida cabocla. Lobato requerera a falência do bucolismo. (BRITO, 1997, p. 137).

Essa função social do texto de Lobato, o embate levantado contra os ditames de uma estrutura social e de uma política calcificada, baseada na economia rural, entenda-se, no poder político do latifúndio, que sobrevive às custas da ignorância e das péssimas condições de vida no campo, contribui para uma releitura da posição do autor diante do processo modernista. Não por acaso que Tellaroli (1996, p. 112) entende que Lobato é na verdade um escritor bem mais moderno do que se supõe.

O artigo *Velha praga* problematiza, inicialmente, a questão da queimada abusiva, da desastrosa queima da mata cuja causa é o caboclo. A preocupação de Lobato continua atualíssima, haja vista ainda haver campanhas no sentido de dirimir as queimadas, tradição ainda presente. Da queimada, a crítica se estende e se amplia ao caboclo, entendido como um parasita, um piolho da terra (LOBATO, 2004, p. 161). Esse ser pouco produz de útil, tão somente o essencial para não morrer de fome. Na verdade, causa mais malefício à natureza, explorando-a, do que sobrevivendo dela.

Na verdade, essa personagem, ainda que enfurnada nas bibocas do país, reproduz o discurso estagnado e avesso às transformações da velha aristocracia rural. Lobato (2004, p. 161) define-a como funesto parasita da terra, espécie de homem baldio, seminômade, inadaptável à civilização, mas que vive dela na penumbra das zonas fronteiriças. A descrição da personagem é toda caricata, revelando não apenas todo o caráter predatório dela, mas também sua estreita e atrasada visão da realidade e das coisas.

A descrição da personagem, rica em detalhes, é feita pautada na caricatura. Sobre este aspecto, Tellaroli Leite (1996, p. 95) explica que as caricaturas de caipiras, delineadas nos contos (e nos artigos), se constroem a partir de traços dominantes, que são marcas peculiares de um protótipo, baseadas em uma imagem estereotipada. O processo caricaturesco parte da exploração de forma exagerada de alguns

detalhes. Por conta disso, a crítica reitera que há traços que são realmente peculiares ao caipira, e não gratuitamente compõem marcas do estereótipo que dele se faz (LEITE, 1996, p. 96).

No artigo *Urupês*, a personagem, que fora apresentada gradativamente, às vezes, num processo de sinédoque, surge plenamente. O Jeca Tatu é, pois, um piraquara do Paraíba, um maravilhoso epítome de carne em que se resumem todas as características da espécie (LOBATO, 2004, p. 168). A personagem é feia e grotesca, contrapondo-se ao indianismo romântico e a todo bucolismo. Na verdade, explica Lobato que o indianismo e o bucolismo não morreram, mas sim evoluíram para o *caboclisto*.

O Jeca Tatu não é apenas nocivo à natureza, contrariando a ideia de ter sido construído apenas no sentido de contrapor a prática de queimadas dos caboclos da região da Mantiqueira. É crítica à postura alienada, alheada, de quem, ante todos os eventos históricos e sociais, permanece inerte, estagnado, modorrando-se de cócoras. O fato mais importante de sua vida é, sem dúvida, votar no governo (LOBATO, 2004, p. 172).

De forma caricata, há na personagem uma crítica ao comodismo, à apatia, à ignorância política, ao fatalismo, ao apego às credences populares que se emaranham, como sintetiza Lobato:

Todos os volumes do Larousse não bastariam para catalogar-lhe as credences, e como não há linhas divisórias entre estas e a religião, confundem-se ambas em maranhada teia, não havendo distinguir onde para uma e começa outra. (LOBATO, 2004, p. 175).

Dessa forma, a personagem amplia seu alcance satírico, sendo muito mais como uma crítica à estupidez e à estagnação nacional do que uma postura preconceituosa para com o homem do interior, aliado de toda a sorte de recursos e de conhecimentos institucionalizados.

A caracterização das personagens dos dois artigos tende a hipertrofiar suas características negativas, relacionando o caboclo ao *urupê*, o parasita vegetal, cuja vida se deve à exploração dos recursos naturais.

3 Os contos de *Urupês*: a crítica metonímica

O livro *Urupês* foi lançado em 1918. A obra fora concebida quando Lobato residia na fazenda da Buquira, incrustada na Serra da Mantiqueira, a qual o escritor havia herdado do avô, o Visconde de Tremembé. Lobato, nessa época, ficara indignado com vizinhos e agregados que promoviam uma brutal queimada que durou dois meses a fio, conforme informa o próprio escritor. Lobato fora informado de que não havia muito a se fazer contra essa prática, tal como denunciar às autoridades, uma vez que esses pequenos colonos eram declaradamente eleitores do governo, e qualquer ação judicial não surtiria efeito algum. Diante disso, como reação, Lobato publica artigos e o livro *Urupês*.

Nos contos, a figura do *urupê*, o parasita que se alimenta da madeira, da natureza, personificada no caboclo do interior, surge de forma parcimoniosa, como um quadro que vai se compondo, através de metonímias e sinédoques. Os protagonistas de alguns contos apresentam algumas singularidades desse tipo de caboclo criticado pelo autor, as quais, como numa colcha de retalhos, vão compondo a imagem da personagem, que no final acaba por receber a alcunha de Jeca Tatu. As personagens João Nunes e sua família, do conto *A vingança da peroba*, exemplificam bem o tipo de caboclo criticado. A complicação do conto gira em torno de um monjolo que João Nunes constrói para fazer inveja ao vizinho. Para tanto, derruba a peroba da divisa, que diziam ser pau de feitiço, uma árvore consagrada, que se derrubada traz

desgraça consigo. Dada a preguiça e a inabilidade de Nunes, o monjolo fica mal feito, de forma que nunca funciona corretamente, exceto para esmagar a cabeça de Pernambi, filho caçula do próprio Nunes.

A imagem chocante, comovente, do filho estraçalhado pelo objeto arcaico que, para piorar, fora construído com a destruição de uma árvore, serve a um duplo propósito: revelar a predisposição às crendices e ao fatalismo do caboclo, e como crítica à destruição das árvores, ao desmatamento que o caboclo promove sem avaliar as consequências.

O conto *Bucólica* focaliza a natureza já degradada pelas queimadas. A paisagem perde o colorido, o que se vê é o tom acinzentado. Conforme o narrador, o que se observa na paisagem é a terra calcinada. Compõem a imagem tocos carbonizados, árvores enegrecidas até meia altura, e paulama em carvão (LOBATO, 2004, p. 102).

4 O discurso de Lobato e o contexto atual

A situação problematizada por Lobato, tanto nos contos, quanto nos artigos, infelizmente encontra analogia e ressonância no Brasil atual, tanto em virtude de práticas ainda arraigados na cultura brasileira, quanto em função de decisões e de ações governamentais. Ações estas calcadas na exploração dos recursos naturais, visando a locupletação de alguns e do próprio Estado, sem levar em consideração a Natureza, os patrimônios naturais universais.

A reflexão ainda hoje sobre os textos de Lobato, focados em queimadas, no extrativismo e na aristocracia rural, perpassa pela discussão da função da literatura. Candido (2011, p. 55) explica que a função social da literatura comporta o papel que a obra desempenha no estabelecimento de relações sociais, na satisfação de necessidades espirituais e materiais, e na manutenção, ou mudança, de uma certa ordem na sociedade. Ao problematizar aspectos da realidade, o escritor

exerce uma função social, na medida em que traz à discussão aspectos que contribuem para a percepção do indivíduo, social e cultural.

Referências

BARBOSA, Alaor. *O ficcionista Monteiro Lobato*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 35. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

BRITO, Mário da Silva. *História do Modernismo brasileiro: antecedentes da Semana de Arte moderna*. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação de seus meios de vida*. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010.

LEITE, Sylvia H. T. de A. *Chapéus de palha, panamás, plumas, cartolas: a caricatura na literatura paulista 1900-1920*. São Paulo: UNESP, 1996.

LOBATO, Monteiro. *Urupês*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SIQUEIRA, Elizabeth S. et al. *O processo histórico de Mato Grosso*. 3. ed. Cuiabá: Guaicurus, 1990.

WHITAKER, J. Roberto. *Os filhos de Lobato: o imaginário infantil na ideologia do adulto*. Rio de Janeiro: Dunya, 1997.